

Apresentação

Nos anos iniciais do século XXI, o tema das migrações conquista cada vez mais espaço, tornando-se agenda regular na esfera política internacional, matéria midiática permanente e objeto de investigação no âmbito acadêmico, no qual crescem pesquisas inovadoras sobre as múltiplas experiências migrantes. Na avaliação desses processos de deslocamento, mobilidade, migração, os estudos são crescentes entre historiadores, geógrafos, antropólogos e sociólogos, entre outros, que procuram levar em consideração, nas mais diferentes perspectivas de análise, uma gama de possibilidades: deslocamentos forçados; fluxos de massa, percursos de grupos, de famílias ou de indivíduos; motivações econômicas, sociais ou políticas; tensões demográficas, culturais, étnico-raciais e religiosas; questões geracionais e de gênero; variáveis como memória, identidade e cidadania; ou ainda os conflitos e as perdas que o processo suscita e comporta.

No Brasil, verifica-se uma ampliação crescente dos estudos sobre os fluxos migratórios, antigos e atuais, e, mesmo, sobre as identidades étnicas e formas de associativismos. Muitos desses trabalhos vêm apresentando abordagens inovadoras, optando pela diversificação das fontes de consulta e da metodologia utilizada, com destaque para os estudos comparativos, na esteira de uma rede que envolve pesquisadores de diversos países.

No passado como no presente, o fenômeno da migração transnacional é complexo, heterogêneo, multifacetado, multicausal e interdisciplinar, constituindo-se em um desafio para os pesquisadores, sobretudo quando se aborda a realidade atual de milhões de pessoas em todo o mundo vítimas dos deslocamentos forçados, em razão de guerras civis ou catástrofes naturais, sofrendo atentado às liberdades individuais ou tendo os direitos fundamentais da pessoa humana completamente violados.

Como se sabe, *Navegar* abre-se justamente a essas questões, consistindo-se em um espaço fundamental para a reflexão e o diálogo entre pesquisadores que, direta e indiretamente, se dedicam aos estudos migratórios, abordando tanto as migrações históricas quanto as do tempo presente.

Este quarto número da revista definiu o tema “*Imigração e Anarquismo: experiência migrante e militância libertária*” como núcleo central do dossiê que o compõe, tornando-se um desafio para a Editoria da *Navegar*. Isto porque os estudos específicos de processos que envolvem o tema das migrações e a militância anarquista no período da chamada imigração em massa (1890-1920) ainda são escassos e controversos no âmbito do trabalho científico contemporâneo. Uma visão mais tradicional afirma ter sido o anarquismo produto genuíno da imigração,

admitindo, nessa perspectiva, que os imigrantes chegavam à América com sua opção político-ideológica definida, como se o contexto em que se inseriam não tivesse força no processo de reinvenção da identidade do imigrante. Outra concepção, no entanto, a qual vem se consolidando, por meio de pesquisas mais recentes, admite que muitos dos que se tornaram anarquistas na maturidade chegaram a terra de acolhida ainda crianças, possuindo formação militante por meio das ideias que circulavam - em jornais, folhetos, panfletos, livros -, da relação que estabeleciam com os companheiros/as e da penosa experiência que viviam como trabalhadores dentro e fora do espaço da produção.

Os trabalhos reunidos no dossiê contemplam a experiência migrante oriunda de Portugal, Espanha e Itália para América, notadamente o Brasil e a Argentina, no seu entrecruzamento com uma militância libertária diversa, criativa e atuante, marcando não somente a história desses países latino-americanos, mas a história do próprio anarquismo nas margens de cá do Atlântico.

Abre o dossiê “*Imigração e Anarquismo: experiência migrante e militância libertária*” o artigo do professor e pesquisador Alexandre Samis, referência obrigatória na produção acadêmica sobre anarquismo, por meio da análise da trajetória pessoal e política do anarquista português Neno Vasco, permite a compreensão não somente da sua atuação no movimento operário no Brasil e em Portugal, mas o seu legado teórico na constituição do sindicalismo revolucionário. E destaca, ainda, as relações entretidas entre os militantes estrangeiros e os que no Brasil formavam círculos de sociabilidade, fundamentais no processo de formação dos anarquistas num tempo em que o internacionalismo mobilizava a união de esforços além-fronteiras.

Giovanni Stiffoni, pesquisador italiano, oferece-nos um trabalho cujo objetivo é compreender o movimento de atuação dos anarquistas italianos que migraram para São Paulo no começo do século XX, ao longo de sua estada no país. Para tanto, toma como referência de análise o grupo de militantes que participaram na fundação e na divulgação do periódico *La Battaglia*, de modo a avaliar o valor ideológico e a função social dessa experiência política.

Carlo Romani, pesquisador de referência nos estudos sobre anarquismo, ofereceu-nos, em seu artigo, uma genealogia da formação das primeiras escolas libertárias na Argentina e no Brasil, principalmente nas cidades de Buenos Aires e São Paulo, na passagem dos séculos XIX para o XX. Destaca, nesse sentido, as influências teóricas e programáticas trazidas por alguns imigrantes, as quais, por sua vez, alimentaram a prática pedagógica de círculos sociais e escolas modernas vinculados a associações libertárias e grêmios operários nos dois países.

A pesquisadora italiana Elena Bignami, além de apresentar um estudo sobre a história da experiência comunitária Colônia Cecília, seus integrantes e as aspirações de seu fundador, Giovanni Rossi, reflete sobre a historiografia que consagrou a

imagem de Cecília como um experimento excêntrico de um intelectual visionário, destacando que esse projeto de colônia socialista anarquista teve no seu centro uma questão complexa que envolvia a “família patriarcal” e o caráter moral da mulher italiana do final do século XIX.

Neste ano do centenário da Greve de 1917, o pesquisador e geógrafo Amir El Hakim de Paula, em seu trabalho, reflete sobre as tensões nas principais lutas sociais ocorridas em São Paulo, na década de 1910, aí incluída a greve de 1917, e um projeto de segregação espacial que foi levado a termo pela elite industrial e cafeeira da época. A análise dessa dinâmica sócio-espacial permite perceber de que maneira as manifestações e greves dos trabalhadores, entre eles diversos imigrantes, transformaram-se em estratégias territoriais de combate ao Estado e ao Capital, como preconizavam os anarquistas.

Lená Medeiros de Menezes, referência obrigatória nos estudos sobre imigração no Brasil, notadamente a presença portuguesa no Rio de Janeiro na conjuntura da Primeira República, centra seu trabalho na análise da situação em que se encontravam os trabalhadores estrangeiros, em especial os portugueses que, embalados pelo anarquismo, lutavam não só pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, mas pela própria revolução social, sendo constantemente reprimidos pelas autoridades policiais e vivendo sob o contínuo espectro da expulsão.

Fazer dos fluxos migratórios e da experiência libertária o tema do presente dossiê da *Navegar*, foi um trabalho desafiador, porém, gratificante. Buscamos, pois, reunir pesquisas no campo da História e áreas afins com o propósito de dar visibilidade ao tema, estimulando novos e oportunos saberes sobre o fenômeno das migrações e a experiência anarquista. o artigo da historiadora e pesquisadora do Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI).

Complementa o dossiê, a rigor, a sessão Entrevistas. Nessa sessão encontra-se a entrevista que a historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna concedeu às pesquisadoras Angela Roberti e Érica Sarmiento, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), acerca da sua trajetória política enquanto militante do PCB nos anos 1960-1979. Da narrativa emerge a memória política de uma militante cuja vida foi marcada por lutas e resistências, vivendo situações reais de risco e ameaça pela ilegalidade na qual se viu lançada. Seu depoimento converte-se em grande contribuição sobre os desafios vividos na clandestinidade à época da ditadura civil-militar no Brasil, servindo, também, de exemplo de combate aos modelos autoritários.

Integram a sessão de artigos os trabalhos dos pesquisadores brasileiros José Carlos Sebe Bom Meihy, da Universidade de São Paulo e da Unigranrio, e Maria Luzia Ugarte Pinheiro, da Universidade Federal do Amazonas.

O primeiro discute a experiência de homens e mulheres que deixam o Brasil em busca de espaço de trabalho na prostituição, com especial destaque para as prostitutas brasileiras que atuam em Maputo, Moçambique. Inspirado em Michel Pollak, autor procurou perceber esse deslocamento sob o conceito “emigração subterrânea”, pois em se tratando de explicação emigratória, estão presentes os elementos da camuflagem, ilegalidade, falta de perspectivas e, sobretudo, a opressão advinda do atendimento exclusivo a clientes brasileiros, trabalhadores das empresas que executam grandes obras de engenharia no continente africano.

O segundo nos apresenta a história de Manaus contada a partir da presença de imigrantes vindos de outras regiões e países do globo que, por motivos distintos, acabaram encontrando na cidade um espaço de acolhimento e sobrevivência, mas também de reconstrução identitária advinda do imperativo da assimilação à nova ambiência cultural. Nesse processo, dá destaque aos espanhóis, que se deslocaram para o Amazonas durante a expansão da economia gumífera e que acabaram por se concentrar de forma mais sistemática na cidade de Manaus, capital do Estado e um dos mais importantes entrepostos comerciais da borracha no período, utilizando como fontes principais periódicos que voltaram suas atenções para problemas e questões que afligiam especialmente esse segmento étnico.

Ao final da edição encontra-se resenha elaborada pela professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Colégio Pedro II e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) Vera Lúcia Cabana de Queiroz Andrade, sobre o livro *Sabores, memória e imigração. Galegos e andaluzes* (Curitiba: Prismas, 2017), de Dolores Martín Rodríguez, cuja temática destaca a gastronomia e suas implicações no norte e sul da Espanha, bem como em São Paulo.

Com este quarto número, *Navegar* completa três anos de existência e vem se consolidando como um periódico diferenciado, cuja proposta apresenta uma relevância incontestável, abrindo-se à discussão de um fenômeno que nos últimos séculos vem marcando a história de humanidade. Resultado da capacidade profissional e dedicação constante da sua editora responsável, professora Lená Medeiros de Menezes, a revista reivindica tornar-se uma referência no campo dos estudos migratórios, passados e presentes, articulando e fortalecendo uma rede de pesquisadores mundo afora. Aos leitores, portanto, entregamos este quarto número, na expectativa de que a leitura dos artigos aqui presentes seja agradável e estimule o interesse pela experiência das migrações internacionais.

Angela Roberti

Professora Adjunta da UERJ e UNIGRANRIO
Membro do Conselho Editorial da *Navegar*
Responsável pelo nº 4 da revista